

ATRITOS E FUXICOS

 Pricila Gunutzmann¹

¹ Psicóloga clínica com abordagem psicanalítica, Editora, Produtora Cultural e Professora Universitária. Doutora em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. E-mail: pricilag@gmail.com

Recebido em: 21/09/2020

Aprovado em: 29/10/2020



Todo o conteúdo deste periódico está licenciado com uma licença Creative Commons (CC BY-NC-ND 4.0 Internacional), exceto onde está indicado o contrário.

Desde pequena, toda vez que ia à casa da minha tia, era a mesma estória: “Pri, você tem que comer jiló, arroz integral, espinafre. Você já experimentou? Coma!”

Mesmo com a casa cheia de primos e primas, correndo para todos os lados, lá tudo tinha a hora certa: hora de comer, hora de brincar, hora de dormir.

Sempre foi chata.

Não me deixava fazer nada do que eu queria.

Se a chamava pra brincar de pega-pega, roda, cobra-cega, amarelinha ou de bater as mãos cantarolando “atirei o pau no gato” ela sempre dizia que não podia, que as pernas doíam e que não sabia.

E sempre, sempre me dava cortes de tecido de presente.

O que uma criança faz quando ganha panos de presente? Declaradamente a decepção tomava conta da minha face.

Todo aniversário, Natal e Dia das crianças eu já sabia: sedas, algodões, cetins, veludos e linhos. Lisos, floridos, brilhantes, estampados.

Minha mãe insistia: “Filha, vamos à costureira! Você poderá fazer um lindo vestido”. Mas, levar até a costureira, tirar medidas, esperar dias até que ficasse pronto... Não tinha paciência. Nem interesse.

Então, fui empilhando, ritualisticamente, os presentes. Por ano. Por cor. Por tipo.

O monte crescia no fundo do guarda-roupa. O tempo passava. Erguia-se um castelo de linhas abandonadas.

Em minha infância, sempre que havia chuva de constâncias em meu dia, eu entrava no armário e fechava a porta. Lá fazia amizade com os bichos-da-seda, cochichava com as traças, brincava com a luz que entrava pelas laterais das portas. Amarrotava meus pensamentos e soltava minha imaginação. Segredos são desvendados na mesmice. A monotonia é atarefada por encantos.

Numa das minhas visitas ao guarda-roupa, avistei a morada dos presentes abandonados. Viajei até ao quarto de bagunças da minha mãe, e voltei equipada de possibilidades: tesouras, colas e botões.

Abracei um veludo vermelho retirando-o da base da pilha. Cortei, preguei lantejoulas. Respirei fundo e vesti. O espelho consentiu: Eu era uma princesa.

Em seguida, apanhei uma seda florida, emendei com um cetim verde brilhante, coleí fitas coloridas. Vesti. Minha mãe reconheceu: Agora eu era uma fada. Depois fui sereia. E bruxa. E tantas outras criaturas...

Minha tia era a única que me deixava ser o que eu quisesse.